

## ATUAÇÃO PEDAGÓGICA NOS CONFLITOS DE SALA DE AULA

Elisângela Maura Catarino <sup>1</sup>

Marcelo Máximo Purificação <sup>2</sup>

### Resumo:

Violência no ambiente escolar não é um assunto tão em voga nos últimos tempos. Agressão a professor, a colegas de sala de aula acabam interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem. No Ensino Médio, evidencia-se mais por ser um período em que os jovens estão em um processo de construção de uma identidade, de um reconhecimento social. Por esse reconhecimento muitas das vezes esse jovem passa a desafiar a autoridade do professor em sala de aula, e por vez, a falta de habilidade para lidar com essas questões, leva o professor a violência também contra esse sujeito. Neste contexto, o coordenador pedagógico, enfrenta além de suas atribuições de acompanhar o desempenho da aprendizagem dos alunos e da atuação do professor em sala de aula, passa a atuar também como mediador de conflitos. O objetivo deste trabalho é discutir como a relação entre, professor e aluno, se constitui como um problema para a coordenação pedagógica e como esse profissional vem lidando com essa demanda. Pois, os conflitos em sala de aula, vem sendo recorrente nas escolas. Apresenta um quadro da falta de habilidade por parte do professor em lidar com conflitos em sala de aula, e tendo o coordenador pedagógico a agente mediador dentro desse processo em um contexto violento por natureza. Metodologia usada para pesquisa, estudo bibliográficos, de natureza qualitativa, para reflexão da temática. Autores como Bourdieu (2014), Libâneo (2006), Domingues (2014), Tiba (2006) e Silva (2014) colaboram para fundamentação do tema discutido. Espera-se que esse trabalho colabore para reflexão da importância do coordenador pedagógico frente as novas demandas, socioemocionais, além das preocupações com resultado e desempenho dos alunos, da atuação do professor em sala de aula. Espera-se que esse trabalho possa ajudar coordenadores e professores a compreender como as relações socioemocionais precisam ser trabalhadas para evitar conflitos na escola.

**Palavras-chave:** Coordenador pedagógico<sup>1</sup>. Violência escolar<sup>2</sup>. 3. Mediador.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Professora Doutora, efetiva na UNIFIMES e pesquisadora pelo NEPEN, no núcleo de Inclusão Multidisciplinar da UNIFIMES. maura@unifimes.edu.br

<sup>2</sup> Professor Doutor, efetivo na UNIFIMES. Pesquisador do NEPEM, na área Processos educativos. maximo@unifimes.edu.br

<sup>3</sup> Vínculo institucional.

Em 13 de março de 2019, o Brasil ficou se questionando, o porquê de tanta violência em um espaço, que de início seria um espaço de construção de saberes, convivência, tolerância e respeito. Suzano, nos mostrou como o espaço escolar é vulnerável, e como as relações dentro desse espaço precisam ser revistas e refeitas.

Justificar uma ação violenta partindo de experiências anteriores, ou justificar tudo pelo justificativa do “bullying” não pode ser algo aceitável. Dentro da prática pedagógica, muito se percebe que as relações entre professor e aluno, entre aluno e aluno, não caminham muito bem. Assim, o coordenador pedagógico passa a atuar como um mediador de conflito, muita das vezes conflitos esses que poderiam ser evitados pelo professor.

Dentro desse contexto estar atenta a essas questões passa a ser mais uma das atribuições para o coordenador pedagógico, uma vez que esse é o responsável pela liderança, clima organizacional e formação profissional dos professores (DOMINGUES, 2014). As diferenças culturais e sociais que interferem radicalmente na forma como o outro percebe e aceita as diferenças fica cada vez mais presente na sala de aula.

Assim, o próprio posicionamento do coordenador pedagógico diante das exigências diárias, impõe uma autoridade que não é muito bem aceita pelo corpo docente, gerando um conflito interno, e que é refletido temporariamente em sala de aula. Além, dos conflitos que o professor enfrenta como indisciplina, falta de compromisso por parte dos alunos, conflitos provocados por diferenças sociais e culturais também participam desse cenário.

Para o coordenador pedagógico é importante uma formação que consiga possibilitar a ele uma visão ampla do papel do professor, do aluno e das outras questões que interferem diretamente na relação entre os pares (professor/aluno), para romper com paradigmas construídos dentro da escola e que ainda perduram, como o preconceito, a discriminação e a exclusão.

O que se percebe, que na escola, temos um espaço onde todas as identidades se fazem presente e latentes, cada qual lutando pelo seu reconhecimento e aceite social. Portanto, “[...]todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”, segundo Du Gay & Hall et al., (1997) apud Silva (2014, p.19). Esta afirmação reforça que o poder é um elemento determinante, presente, e que colabora para os processos excludentes presente no espaço escolar, contribuindo para os conflitos tão corriqueiros.

Exercer o poder sobre o outro em um espaço tão conflitante traz a insegurança que se vive nas escolas de todo país hoje. Um dos fatores que fica em evidencia, é a falta de habilidade por parte dos docentes em lidar com questões que envolvem principalmente essa relação de poder, QUEM MANDA, QUEM OBEDECE (grifo nosso), e isso geram conflitos graves de indisciplina e falta de respeito por parte de discentes e docentes. O professor precisa compreender que sua autoridade em sala de aula se dará mediante domínio do conteúdo trabalhado e da forma como conduz seu trabalho em sala (LIBANEO, 2006), e não pelo desgaste de construir uma relação pela força que seu cargo já impõe naturalmente.

Não é à toa que muitos desses conflitos são trazidos a coordenação pedagógica, como justificadas pela atuação ineficaz do professor ao ministrar o conteúdo, na maneira de explicar e conduzir o processo. Refletido nas notas e na falta de colaboração por parte de uma parcela dos alunos. O professor fala, eles fingem não ouvir e o estresse passa a vigora na relação entre esses agentes. É facilmente percebido a falta de habilidade por uma das partes.

Questões que poderia ser resolvido pelo professor com uma conversa pontual, ou mudança de estratégia no ensino, como melhorar a elaboração de atividades e explicação do conteúdo passam a ficar em segundo plano, pois o professor precisa reestabelecer sua autoridade em sala. O fato, que não é exclusividade do professor a não habilidade, mais essa reflexão precisa partir dele, como agente do processo de ensino-aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

O trabalho é uma pesquisa bibliográfica “[...] é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos[...] e o “artigo científico constituem foco primeiro dos pesquisadores, pois é nele que se pode encontrar conhecimento científico atualizado.”( LACATOS;MARCONI, 2017,p.33), assim esta pesquisa tem essa preocupação em construir um diálogo entre as fontes pesquisadas, afim de construí um produto que colabore com outros pesquisadores. Além de bibliográfico navega pela natureza qualitativa, pois a temática conduz o pesquisador a necessidade de refletir sobre cada elemento presente neste texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Inúmeras políticas buscam introduzir um novo olhar sobre a prática pedagógica do professor, levando em consideração não só os aspectos de natureza conteudista, mais busca trabalhar as relações socioemocional. Agressões praticadas em sala de aula, pelo professor, muitas das vezes estão agregados a identidade desse profissional, que acaba privilegiando, ou acentuando as diferenças sociais e culturais (BOURDIEU, 2014). Uma relação de poder e autoridade, não privilegiando esse espaço como ambiente para o diálogo e respeito entre as partes.

A escola passa a ser um espaço de reproduções e manutenção da discriminação, em um ciclo de violências veladas entre todos os agentes dessa esfera (BOURDIEU, 2014), provocando um desequilíbrio nas relações. O professor, agente do processo ensino-aprendizagem, passa a exercer um papel autoritário e definitivo, impedindo que o aluno, objeto desse processo exponha e participe, passando a ser um elemento a parte incapaz de colaborar. A ausência de comunicação colabora diretamente para o conflito que pode surgir de um exercício que não ficou claro durante a explicação, ou por que simplesmente o aluno se nega a fazer. (LIBANEO, 2006)

O professor precisa compreender que sem essa comunicação não construirá um aspecto importante dentro da relação professor e aluno de Líbano (2006, p. 249), fala de “aspecto socioemocional (que diz respeito as relações pessoais entre professor e aluno, e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente)”, ora sem entender isso, a construção da autoridade, se limita a uma ordem de poder, e não de confiança e respeito.

É fundamental que o coordenador pedagógico, como o responsável pela formação continuada dos professores, possibilite a reflexão sobre as práticas cotidianas da sala de aula, sem deixar de fora essa demanda emergente e necessária. Capacitar o professor para compreender que a relação de poder estabelecida em sala de aula, não deve ultrapassar a barreira do bom senso e respeito para com o aluno. Rever sua prática, pois o público anual, muda, pois a sociedade muda a todo tempo. Os valores também passam por um novo olhar, assim a figura do professor também sofre alterações dentro deste contexto.

A falta de percepção por parte do professor, de entender que alunos que passam diariamente processo de exclusão, seja social e mesmo acadêmico, pode levá-lo a ter uma reação violenta contra o professor, mesmo de maneira inconsciente. Trabalhar o emocional do professor e do aluno é uma realidade que não pode ser ignorada e o coordenador pedagógico,

mesmo sem uma preparação adequada, se vê obrigado a compreender essa realidade e agir sobre ela para evitar conflitos maiores no espaço escolar.

As violências simbólicas representadas nas ações veladas de discriminação, exclusão aos que não se enquadram aos padrões estabelecidos pela sociedade, estão presentes nas escolas, e não percebidos por professores, coordenadores e direção, colaboram para a violência vivida dentro das escolas. (BOURDIEU, 2014)

Enfatiza que os professores, de forma inconsciente, privilegiam um modelo de comportamento em relação a outro é fato, mas o que não se pode negar que isso interfere diretamente na relação entre professor/aluno e no processo de ensino/aprendizagem.

Assim, o coordenador pedagógico, ao planejar as formações dos professores precisa trabalhar aspectos como tolerância, diferença, autoridade, respeito, adolescência e seus dilemas, práticas pedagógicas (metodologia), criando um espaço de diálogo e reflexão, mesmo que muitas das vezes o que é exigido nesse momento de formação se restringe a obter resultados nas provas externas, e no resultado final, aprovação. Sem essa atenção, mesmo que se mude toda a prática, os resultados ficam a quem.

Sobre a educação o art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (Brasil, 1996), não lembrar disso, reforça os valores de uma sociedade excludente.

O exemplo inicial de Suzano, vem para alertar que a escola é vulnerável, e propensa a violência. Não se busca aqui afirmar, que um dos motivos que levaram ao massacre, seja essa relação professor/aluno conflituosa, mas nós levar a pensar, o quanto é necessário repensar a escola visando o socioemocional de todos os indivíduos que fazem parte deste contexto. Do porteiro, ao mais alto cargo, todos são responsáveis em cuidar do outro.

Um caminho para reverter esse quadro, seja pensar a escola a partir dos direitos humanos. As Diretrizes Nacionais em Direitos Humanos (2013), recomenda “[...] a formação para a vida e a convivência[...]” e salienta mais, que por uma prática de valorização, dos humanos, pode [...] evitar alguns tipos de violência, como o bullying.” (Brasil, 2013, p.13), justificativa para muitos para tanta violência. Essa pode ser uma formação permanente, tanto para o coordenador pedagógico, quanto para os demais membros que participam da escola.

Construir um espaço comunicativo eficaz, para romper com as praticas discriminatórias, violência veladas, autoridade excessiva em um espaço que deve almejar o conhecimento e a formação de cidadãos críticos e pacíficos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Romper com um ciclo de violência no ambiente escolar deve ser uma meta de todos que estejam envolvidos no processo. Compreender que o professores e alunos precisam interagir em um processo comunicativo a fim de evitar conflitos é fundamental. Ao coordenador pedagógico, cabe o papel de planejar ações pontuais para reforçar o trabalho socio-social com a equipe, sem perder o foco na aprendizagem e nos resultados desejados tambor pela escola como pelos agentes governamentais.

É preciso abandonar velhas prática, rever o papel autoritário na sala de aula. Respeitar as individualidades, e mais do que isso construir um canal aberto ao diálogo para, não mais, presenciarmos cenas como na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: diretrizes nacionais**. Brasília, 2013. Disponível em:<  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192)> Acesso em 30 mar.2019

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairrão; revisão de Pedro \Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e a formação continuada dos docentes na escola**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2014

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**, ed. Cortez. São Paulo, 2006. Disponível em:<  
<file:///D:/Downloads/216271468-1-2-Didatica-Libaneo.pdf>> Acesso em 30 mar.2019

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa. Novos paradigmas**. Ed.rev.atual. e amp. São Paulo:Integrare Editora, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15.ed.Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

Referência.